

ESCOLA E ALTERNÂNCIA NO GERAIS MINEIRO: a trajetória da Escola Família Agrícola de Tabocal – São Francisco, MG, Brasil¹

SCHOOL AND ALTERNANCE IN THE GERAIS AREA IN MINAS GERAIS: the trajectory of Tabocal Agricultural Family School - São Francisco, MG, Brazil

Leandro Luciano Silva Ravnjak

Doutor em Educação (FAE/UFMG). Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/MG. Docente do Centro Universitário UNIFIPMoc.
leandrolucianodasilva@gmail.com

Maria de Fátima Almeida Martins

Doutora em Geografia (USP). Docente Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - FAE/UFMG.
falmartins.ufmg@gmail.com

Resumo

A Pedagogia da Alternância inicia sua trajetória no Brasil na década de 1960, apresentando-se como alternativa para a formação dos sujeitos do campo, sua proposta para o processo de ensinagem em alternância (tempo e espaços) contribuiu para o acesso a escolarização dos sujeitos do campo. Ocorre que apesar contabilizar mais de cem unidades escolares, sua contribuição para a Educação do Campo ainda é pouco difundida, a singularidade de cada escola e sua identidade local, associadas ao desinteresse acadêmico pela investida ao campo de pesquisa, onde a escola se insere, são elementos que ocultam as escolas que adotam a alternância e suas contribuições. O presente estudo buscou desocultar a trajetória da Escola Família Agrícola de Tabocal (EFA-Tabocal), localizada no município de São Francisco - Minas Gerais. Para atender ao propósito deste estudo, optou-se pela pesquisa do tipo etnográfica. Ao eleger a Pedagogia da Alternância como proposta a EFA-Tabocal materializa não apenas um projeto contra-hegemônico de educação, mas, um projeto carregado de vida e de esperança de Alternantes, Famílias e Comunidades envolvidas no processo formativo. A trajetória da EFA-Tabocal se assemelha a de outras escolas que adotam a alternância como proposta, contudo, as especificidades do Gerais Mineiro e dos seus sujeitos adjetivam sua história e a individualiza, apresentando-lhe características próprias. A EFA-Tabocal não é apenas um projeto de escola que adota a Pedagogia Alternância como outras EFA's, mas, um projeto de vida que é marcado pela escassez de água e de terra, pela luta, pela resistência, pela resiliência, e pelo Gerais.

Palavras-chave: Escola Família Agrícola. Alternância. Tempo Escola. Tempo Comunidade. Gerais Mineiro.

Abstract

The pedagogy of alternation starts its path in Brazil in the 60s, being presented as an alternative for the agricultural workers formation. Its proposal of alternating teaching process (time and space) contributed to the schooling access of agricultural workers.

Despite presenting more than one hundred schools, its contribution to agricultural education is not disseminated, the singularity of each school and its local identity, coupled with academic indifference towards the research field where the school is within, are elements that suppress the schools that adopt alternation and its contributions. This paper seeks to uncover the trajectory of the Tabocal Agricultural Family School (EFA-Tabocal), located in the Primavera Community in the city of São Francisco - Minas Gerais - Brazil. For the purpose of analysis, ethnographic research methodology was chosen. Therefore, it was necessary to have an understanding of what the subjects involved in the educational process of EFA-Tabocal would have to say about the school. By selecting the Pedagogy of Alternation, EFA-Tabocal materializes not only a counter-hegemonic project of education, but a project full of life and hope for those involved in the formative processes. EFA-Tabocal's trajectory resembles that of other schools that endow alternation, however, the specificities of the Minas Gerais State and its subjects change and individualize its history, presenting peculiar characteristics. The trajectory of the EFA-Tabocal accords to the the life story of the involved with the school. Thus EFA-Tabocal is not just a school project that adopts the Alternance Pedagogy like other EFA's, as it presents a life project that is marked by water, land scarcity, struggle, resistance, resilience, and the milieu.

Keywords: Agricultural Family School. Alternation. School time. Community time. Minas Gerais State.

Introdução

[...] sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. [...]. O **gerais** corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... (João Guimarães Rosa. Grande Sertão Veredas, 1956). (Grifo no original).

Apesar de presente no território brasileiro desde 1969, a Pedagogia da Alternância ainda se apresenta como tema a ser revisitado, isso porque, as escolas ou unidades de ensino que adotam a Alternância como princípio pedagógico são muitas e diferentes, pois, espalhadas pelo território brasileiro, surgem e se afirmam em convivência com as adversidades experimentadas pelas populações diretamente envolvidas no movimento da Educação do Campo.

Tornar público a trajetória dos estabelecimentos de ensino que praticam a Pedagogia da Alternância é uma tentativa de aproximar a comunidade acadêmica e científica das realidades e dos espaços onde a Educação do Campo acontece.

Este texto busca desocultar a trajetória da Escola Família Agrícola de Tabocal e identificá-la em sua singularidade, expor o caminho percorrido pela EFA-Tabocal, seu

surgimento, sua relação com a religião, com Estado, com as organizações civis, com os sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem e com o Gerais Mineiro.

Na perspectiva metodológica, o estudo do tipo etnográfico possibilitou ao pesquisador realizar o caminho da alternância, convergindo Tempo Escola e Tempo Comunidade para a revelação do objeto da pesquisa, especialmente na percepção dos sujeitos da alternância, aluno, família, comunidade, escola [direção, monitores, professores], e sociedade civil organizada.

Além da observação *in loco*, adotou-se como estratégia de coleta de dados a entrevista narrativa e o grupo focal, atividades realizadas nos anos de 2015 e 2016, em especial para atender às variações do Tempo Escola e do Tempo Comunidade. Os grupos focais sofreram ajustes no *modus operandi*, tendo em vista a necessidade de adequação ao objeto e aos sujeitos da pesquisa, uma vez que as conversas ocorreram na sede da escola e nas comunidades dos alternantes, que ora contava com número reduzido, ora com número ampliado de participantes.

Apesar de atender aos critérios da ética² em pesquisa envolvendo seres humanos, optou-se por adaptar as fotos e figuras com a técnica de desenho em grafite³, impossibilitando a identificação dos adolescentes, agricultores e agricultoras fotografados; com o objetivo de minimizar possíveis constrangimentos de identificação dos sujeitos da pesquisa no momento da devolução dos resultados.

Escola e alternância no Gerais mineiro

Tratar da Escola e da Alternância no *Gerais* e não no Norte de Minas se justifica pelo fato de que, enquanto o Norte de Minas pode ser conceituado e delimitado política e geograficamente, não se pode afirmar o mesmo do Gerais.

Ao adjetivar o *Gerais* como sendo o Mineiro, reconhece-se que, além deste, existem outros, como é possível observar em Nogueira (2009, p. 43) quando afirma que, desde do Brasil Colônia, “[...] o termo *Gerais* designava, grosso modo, as vastas paisagens de campos do interior do país. De forma genérica, campos extensos, aproveitados e desabitados eram *campos gerais*.”

Para além da perspectiva territorial, o Gerais representa um mosaico de povos que historicamente se convergiam para a região à procura de sossego e uma faixa de terra apta à produção, como destaca Dayrell (1998, p.69/70).

Mas há uma outra historiografia menos pródiga[...]que nos relatam a história do povo miúdo, vaqueiros, escravos fugidos, índios *amansados*, garimpeiros, desclassificados e despossuídos em geral que, à procura de sossego, saíram em busca de pequenas glebas de terra para viver como sitiantes, posseiros e pequenos fazendeiros.

Nesse sentido, também é a conclusão a que chega Nogueira (2009, p. 60) ao se referir à população dos Gerais.

[...] Gerais, além de frequentemente referir-se a uma paisagem natural específica, indica um modo de uso, de apropriação comum, geral das terras, indica que elas não são particulares, mas *gerais*. Por isso, há indícios de que os geralistas (ou Geraizeiros) também correspondiam aos homens livres, na época do Brasil Colônia, que deixavam as já esgotadas regiões auríferas da Capitania de Minas Gerais e de Goiás, em busca de terras férteis para se estabelecerem como agricultores. Tornados posseiros, sitiantes, foreiros e agregados, essa população se estabeleceu em terras devolutas, mas também em áreas não aproveitadas no interior das próprias fazendas de criação de gado.

E arremata Nogueira (2009, p. 60), ao enfatizar que

[...] não obstante as variações nos sentidos atribuídos aos termos *Gerais* e *Geraizeiros*, no Norte de Minas, eles correspondem respectivamente às áreas de Cerrado e aos seus moradores históricos. É certo também que os outros sentidos não contradizem essa definição, mas a complementam, visto que os Geraizeiros do norte mineiro são também os camponeses pobres que frequentam as páginas da literatura histórica sobre a região, como *homens livres e mestiços* que se dispersaram pelos sertões, ocupando *terras gerais* [...]. (Itálico no original).

Assim, o Gerais que ganhou destaque na obra de João Guimarães Rosa apresenta-se, historicamente, como *locus* de convergência de culturas, expressões e povos que transcendem a delimitação territorial apresentada pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

O modo de vida da população do Gerais ajusta-se às condições regionais. Grande parte de seu território está localizado no semiárido, cujas características ambientais são marcadas por irregularidade pluviométrica e baixa retenção hídrica do solo.

Essas características ambientais exigem das populações da região a adoção de estratégias produtivas que lhes proporcionem sua permanência e reprodução social. Então, a população do Gerais diversifica suas atividades produtivas - ora são

agricultores, ora extrativistas, vaqueiros, vazanteiros, catireiros e migrantes - situação que acompanha a disponibilidade dos recursos naturais.

São modos de vida tradicionais que possibilitam identificar a condição camponesa da população do Gerais Mineiro, que apresentam como principal característica a resiliência, que impõem ao projeto hegemônico proposto para o campo, como um obstáculo intransponível, forçando cada vez mais concessões que reafirmam a resistência do campo e o reconhecimento da trajetória dessas populações.

A história do Gerais e de seus habitantes, o processo de ocupação, de expropriação e a formação de relações não capitalistas (MARTINS, 2004; DAYRELL, 1998) atribuem à Educação um significado próprio.

Trata-se de um projeto de educação *sui generis*, que tem na Alternância o diferencial, devido a seu *modus operandi*, que convoca a população do Gerais a participar das etapas do processo formativo do alternante, identificando nele, um projeto de transformação social.

Uma Escola para o Gerais: trajetória da EFA - Tabocal

Atualmente, no Brasil, as Escolas Famílias Agrícolas chegam ao número aproximado de 165⁴, distribuídas em 21 estados e organizadas em associações regionais, compostas por CEFFAs – Centro Familiar de Formação por Alternância, CFMs – Casas Familiares do Mar, CFRs – Casas Familiares Rurais, ECORs – Escolas Comunitárias Rurais, e EFAs – Escolas Famílias Agrícolas.

Os CEFFAs estão presentes nas cinco grandes regiões do Brasil e são organizados em duas denominações distintas: ARCAFARSUL e a UNEFEAB. A ARCAFARSUL – Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil - abrange três regionais: a ARCAFAR-Paraná, ARCAFAR-Santa Catarina e ARCAFAR-Rio Grande do Sul. A UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - foi fundada em 1982 e trata-se de uma entidade civil de coordenação das Associações Promocionais Rurais de caráter educativo, e que tem por finalidade a promoção de ações que envolvam a articulação, fortalecimento e representação das Associações, EFA's e Centros de Formação em Alternância (UNEFAB, 1982). À UNEFAB estão vinculadas Associações Regionais, Escolas Famílias Agrícolas - EFA's ou Centros de Formação em Alternância – CEFFA's; ao todo, são 13 associações e três Escolas⁵.

Quanto às associações, são duas no Estado do Espírito Santo: o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES e a Regional da Associação dos Centros Familiares de Formação por Alternância do Espírito Santo – RACEFFAES; duas no Estado da Bahia: a Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido – REFAISA e a Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia - AECOFABA; no Centro-Oeste, abrangendo os Estados de Goiás e Tocantins; a Associação das Escolas Famílias Agrícolas do Centro-Oeste e Tocantins - AEFACOT; no Estado do Piauí; a Associação Regional das Escolas Família Agrícola do Piauí - AEFAPI; no Estado de Rondônia; a Associação das Escolas Família Agrícola de Rondônia - AEFARO; no Estado de Minas Gerais, a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícola - AMEFA; no Estado do Rio de Janeiro, a Instituto Bélgica Nova Friburgo - IBELGA; no Estado do Amapá, a Rede das Associações das Escolas Famílias do Amapá - RAEFAP; no Estado do Maranhão, a União das Associações das Escolas Família Agrícola do Maranhão – UAEFAMA; no Estado do Rio Grande do Sul, a Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas - AGEFA; no Estado do Ceará, a Escola Família Agrícola Dom Fragoso – EFA Dom Fragoso; no Estado do Acre, a Escola Família Agrícola Jean Pierre Mingan; e, no Estado do Pará, a Escola Família Agrícola Prof. Jean Hebette.

Apesar de estarem vinculadas a uma associação ou a uma instituição em escala nacional ou regional, cada EFA tem sua especificidade e sua trajetória.

Ocorre que a produção científica sobre essas Escolas e Centros de Formação, apesar de expressiva, conforme levantamentos de Teixeira, Bernartt e Trindade (2008) e de Caliarì (2013), ainda não abrange todas as EFAS e Centros de Formação do País, o que dificulta a sistematização do percurso histórico de cada uma. No entanto, identificou-se que algumas experiências em Alternância já foram objeto de teses e dissertações, o que possibilitou a associação dessas experiências com os resultados desta pesquisa.

Um primeiro ponto de convergência em relação às EFA's e CEFA's, em especial no que se refere ao percurso histórico das instituições, é a presença da Igreja. É bem verdade que, na primeira experiência em Alternância, a participação religiosa é provocada pelos diretamente interessados em um modelo de educação diferente do oferecido pelo Estado Francês.

O Movimento das Casas familiares rurais nasceu em 1935, a partir da iniciativa de três agricultores e de um padre de um pequeno vilarejo da França que, de um lado, prestam atenção na provocação de um adolescente de quatorze anos que rejeitava a escola na qual tinha sido matriculado e de outro, estavam atentos a seu meio, que queriam promover e desenvolver. (GIMONET, 1999, p. 40).

É importante destacar que, para Nosella (2012), as iniciativas relacionadas à Alternância teriam partido de um pároco francês, e não dos agricultores franceses, como encontrado em Gimonet (1999) e Garcia-Marirrodriga e Puig-Calvó (2010).

A história das Escolas-Família é antes de tudo a história de uma ideia, ou melhor, a história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, contra tudo e contra todos. Foi a convicção de um homem, filho de camponês, que por toda a sua vida se comprometeu diretamente com o meio rural, vivendo no meio do povo do interior francês, compartilhando a mesma vida, carregando o mesmo passado de injustiças, sofrendo as mesmas pressões. Foi a idéia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural; uma escola que rompesse radicalmente com o modelo urbano, não nascida de um estudo teórico, nem de uma tese pedagógica, nem de um levantamento sociológico.

[...] A história de uma ideia é também a história de um homem e, de certa forma, é também a história da época e dos problemas vividos por ele.

Estamos falando do Padre Granereau, nascido em 1885, na França. Preocupou-se desde sua juventude com o desinteresse, por parte do Estado e da Igreja, frente ao problema do homem do campo [...]. (NOSELLA, 2012, p. 45).

Assim como Nosella (2012), Gimonet (1999), Marirrodriga e Puig-Calvó (2010) não são uníssonos quanto à participação da Igreja no processo de criação da primeira experiência em Alternância. No Brasil, esse ponto também não é unânime, especialmente se for levada em consideração a aproximação da Igreja com a educação, desde o fim do regime de capitânicas.

A educação brasileira tece seu início com o fim do regime de capitânicas. O Brasil ficou sobre o regime de capitânicas entre 1532 e 1549. Tal regime terminou quando D. João III criou o Governo Geral. Na primeira administração deste, com Tomé de Souza, aportaram aqui o padre Manoel de Nóbrega e dois outros jesuítas. Eles foram nossos primeiros professores.

[...] Uma vez aqui, os jesuítas começaram a pensar em formar outros padres, a partir da população local. Desenvolveram as escolas de ordenação e, graças a elas, alguma instrução chegou até os filhos dos colonos brancos e aos mestiços. (GHIRALDELLI JR. 2016, p. 27/28).

A religiosidade aqui, nos idos de 1500, não teria a conotação que é apresentada no contexto da primeira experiência em Alternância na França, mas apresenta indícios de que a Igreja estaria presente em vários momentos importantes do processo educativo brasileiro.

Também não se pode estabelecer o diálogo equivocado das primeiras participações da Companhia de Jesus com a Teologia da Libertação [Séculos XIX-XX],

que, segundo Menezes Neto (2012, p.37), trata-se de “[...] um movimento teológico que buscou, no marxismo e em outras fontes do pensamento socialista, conceitos para explicar as relações sociais que teve forte, e continua tendo, influência na América Latina”.

A participação da Igreja no processo de criação das EFA's apresenta-se de forma variada no Brasil, a começar pelo estado do Espírito Santo. Nosella (2012) relata a trajetória do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), com significativa influência do padre jesuíta italiano Pe. Humberto Pietrogrande, que impulsionou a criação da *Associazione degli Amici dello Stato Brasiliano dello Spirito Santo (AES)*⁶, e possibilitou o intercâmbio de brasileiros e dos primeiros passos do MEPES.

Essa entidade italiana recém-constituída (AES) conseguiu algumas bolsas de estudo na Itália. Nota-se que os objetivos dessas bolsas de estudo não eram claros, pensava-se que o pessoal brasileiro formado na Itália de “alguma maneira” poderia, ao regressar ao Brasil, servir para uma ação de promoção social na área onde os vigários colegas do Pe. Humberto, atuavam. Foram esses mesmos padres, párocos estrangeiros, residentes no Brasil, que escolheram o pessoal bolsista e organizaram a “expedição” com apoio e financiamento da AES. Primeiros bolsistas:

- 7 jovens agricultores, estagiaram de 1966-1968, em Castel Franco Vêneto (Treviso) e em San Benedito da Norcia (Padova);
- 2 assistentes sociais, 1967, duração: 6 meses;
- 1 técnico agrícola da ACARES, 1968, com estágio também na França;
- 2 assistentes rurais, 1968, com estágios em Escola da Família Agrícola de Economia Doméstica (NOSELLA, 2012, p. 63).

Além do envio de brasileiros para a Itália e a França, a associação promoveu o envio de especialistas/técnicos italianos nas áreas de economia, sociologia e educação para a região do estado do Espírito Santo. A proposta, segundo Nosella (2012), era traçar um plano de ação para os municípios envolvidos na área de atuação dos vigários italianos, o que acabou por envolver os municípios de Anchieta, Alfredo Chaves, Inconha, Piúma e Rio Novo do Sul, resultando em um projeto de promoção social voltado à Pedagogia da Alternância, especificamente no modelo de Escola Família Agrícola, que se institucionalizou na figura do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), no dia 25 de abril de 1968, na Câmara Municipal de Anchieta, em Assembleia Constitutiva, composta pelos agricultores dos municípios envolvidos.

Essa aproximação religiosa ganha destaque também no Estado da Bahia, onde, segundo Pinto (2014, p. 119), as primeiras EFA's⁷ “[...] surgiram sob influência direta

das EFA's criadas no Estado do Espírito Santo – as pioneiras do Brasil – e tiveram como precursores padres estrangeiros designados para paróquias nesta região[...].

A influência religiosa na formação de EFA's também deflagra o processo de inserção da Alternância no estado do AMAPÁ, em 1984, conforme descrevem Silva e Nery (2016), quando se dedicam à investigação da Pedagogia da Alternância, em especial da Escola Família Agrícola do Pacuí.

De forma parecida em 1992, ocorre a inserção da Alternância no Estado de Goiás, como informado por Queiroz (1997) e Nascimento (2005) na descrição do processo de formação da Escola Família Agrícola de Goiás - EFAGO. E também no estado do Pará, como esclarece Cardoso (1997), que ao relatar a experiência de educação voltada para o meio ambiente rural, descreve a trajetória de implantação, em 1993, da Escola Família Agrícola do Rio Coqueiro – EFARC, município de Afuá.

Em Campo Grande – MS, não foi diferente Rubenich (2004), ao avaliar a eficiência da Escola Família Agrícola - COAAMS no desenvolvimento de comunidades rurais no estado do Mato Grosso do Sul, descreve o processo de criação da Escola em 1994 e destaca a participação de setores da Igreja nesse processo. Em 2002, é na criação da EFA – Dom Fragoso, município de Independência, no Estado do Ceará, que o processo se repete, como descreve Mattos (2010, p.178/179).

[...] a história da escola família agrícola Dom Fragoso não começa em 2002. Tem antecedentes longínquos que se iniciam com a chegada de Dom Fragoso na Diocese de Independência, nos anos de 1960 no século passado. Vai ser a partir daí que o religioso começa um trabalho de educação de base com ênfase na lua pela terra, pelo processo de organização sindical e comunitário. Já nessa época, os/as agricultores familiares questionavam, junto à Pastoral da Terra, qual seria a melhor forma para se trabalhar no campo.

No Estado de Minas Gerais, no que se refere à participação da Igreja no processo de formação de EFA's, pode-se destacar a EFA Paulo Freire, no município de Acaiaca. Segundo Costa (2014, p.20):

[...] as primeiras discussões acerca da possibilidade de criação de uma EFA na cidade de Acaiaca ocorreram por volta dos anos 1990, época em que, segundo boa parte das entrevistas realizadas com os profissionais da escola, o Padre João do Carmo Macedo tornou-se dirigente religioso da Igreja católica do município, na Paróquia São Gonçalo. Foi com a vinda dessa liderança religiosa que os debates em torno das dificuldades enfrentadas pela população rural para frequentar as escolas foram levantadas.

Apesar de para alguns estudos a participação da Igreja ser ponto de convergência na criação das EFA's, como demonstrado até aqui, em outros, a interferência religiosa não está presente.

Em Porto Nacional, no estado de Tocantins, segundo Muta (2002), a EFA tem uma trajetória diferente de outras experiências nacionais. Foi constituída em 1994, por iniciativa da Organização não Governamental Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação – COMSAÚDE, criada em 1969, e é uma entidade filantrópica envolvida em trabalhos no meio rural nas áreas de saúde, educação, cultura, comunicação, assistência social e ambiental.

Outra experiência em Alternância sem a participação da Igreja foi da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – RS, como identificou Schneider (2012, p. 58)

A ideia de construir uma escola agrícola no Vale do Rio Pardo, [...] iniciou pelo Sistema de Crédito Cooperativo do Vale do Rio Pardo - SICREDI-VRP e, em seguida, outras entidades foram agregando-se, e avalizaram a necessidade de uma Escola Técnica Agrícola na região. O SICREDI, por sua vez, contratou professores para poder discutir o processo de implantação de uma Escola Técnica Agrícola, juntamente com as famílias e lideranças locais, nos municípios onde o SICREDI atua. Ao invés de uma Escola Técnica Agrícola os professores contratados pelo SICREDI trouxeram a ideia da Escola Família Agrícola, com a metodologia da Pedagogia da Alternância, e apresentaram a proposta a algumas lideranças, especialmente ao SICREDI.

Podem-se observar, também, episódios em que a participação religiosa é intermediada por instituições ligadas direta ou indiretamente à Igreja, como Comissão da Pastoral da Terra ou, mais comumente, a Cáritas Diocesana, caso da EFA Bom Tempo, em Itaobim/MG (BEGNAMI, 2010), e da Escola Família Agrícola de Tabocal, em São Francisco, MG.

Apesar de parecer que todas as Escolas Famílias Agrícolas seguem o mesmo padrão para sua institucionalização, percebe-se que cada uma tem sua especificidade, dependendo de fatores ambientais, econômicos e sociais, e esses fatores ditam os caminhos e o ritmo de cada Escola.

A Escola Família Agrícola de Tabocal – EFA-TABOCAL não nasce como proposta de escola; a escola não é oferecida à população do Gerais; ela surge como alternativa ao projeto de educação apresentado pelos estabelecimentos oficiais de ensino.

Seu processo de criação foi *sui generis*⁸. Envolveu, de certa forma, a participação da Igreja, que, todavia, não interferiu na construção da identidade própria

da EFA-Tabocal, apesar de seu surgimento se amalgamar à consolidação da Cáritas⁹ Diocesana de Januária, MG.

De 1989 a 1999, apesar de ainda não institucionalizada, a Cáritas Diocesana de Januária exercia suas atividades na linha de distribuição de donativos, ou seja, um assistencialismo relacionado à convivência com a seca e à superação da ineficiência de políticas públicas direcionadas às populações da região Norte de Minas Gerais.

Com a institucionalização da Cáritas, em 1999, inicia-se a atuação da instituição por meio de projetos financiados. O primeiro projeto estava relacionado ao meio ambiente, sustentabilidade e geração de renda, e foi implantado nas comunidades da Bacia do Rio dos Cochos¹⁰.

No mesmo ano em que se iniciou o projeto Rio dos Cochos, realizou-se uma visita à comunidade de Cabeceira do Mocambinho, a 65 quilômetros de Januária, com a proposta de realização de projetos voltados para a mobilização social e convivência com a seca, como, por exemplo, encanamento e distribuição de água em Cabeceira do Mocambinho¹¹.

Segundo Sales (2015), os técnicos da Cáritas perceberam a necessidade de ações mais intensas em cabeceiras do Mocambinho, com a realização de trabalhos mais efetivos/concretos, no sentido de melhorar a situação das famílias e da comunidade.

Inicialmente, os técnicos da Cáritas elaboraram um projeto para atender apenas a comunidade de Cabeceira do Mocambinho: Projeto Desenvolvimento Regional Sustentável Januária/Minas Gerais, apelidado de Projeto Seriema pelas comunidades envolvidas.

A proposta inicial foi enviada para ao Instituto de Cooperação Belgo-Brasileira para o Desenvolvimento Social - Disop/Brasil¹², que sugeriu a ampliação do projeto inicial para o atendimento de todas as comunidades da Arquidiocese de Januária. A proposta, então, foi ampliada para o atendimento de 17 municípios da Região Norte de Minas Gerais.

A orientação do Disop/Brasil foi que os projetos deveriam partir das demandas das comunidades, levantadas por meio de um diagnóstico que evidenciasse os pontos fortes, fracos e os potenciais das comunidades; esse levantamento deveria ser realizado a partir da Metodologia do Marco Lógico (MML)¹³.

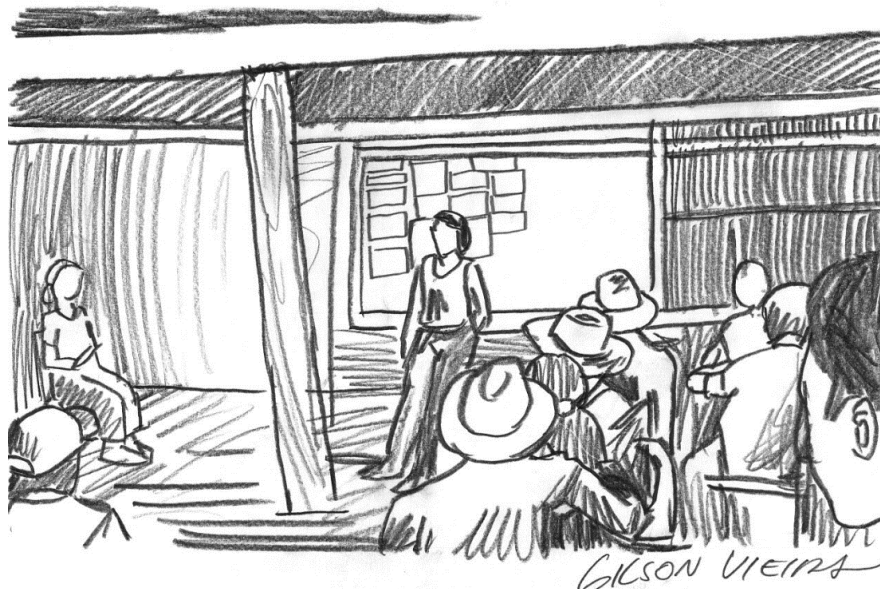
Figura 1 - Seriema: Apelido atribuído ao projeto que deflagrou o processo de criação da EFA –Tabocal. - “*Símbolo da resistência contra a seca.*” (SALES, 2015).



Fonte: Cristiano Voitina (2011).

Apesar da previsão de abrangência de 17 municípios, devido à estrutura da Cáritas a proposta começou a ser discutida para cinco municípios, a partir de um diagnóstico prévio, realizado em um período de seis meses. Formatou-se um questionário e dividiram-se os municípios em setores/territórios, para o melhor desenvolvimento da proposta.

Figura 2 - Diagnóstico participativo realizado no âmbito do Projeto Seriema – 2002.



Fonte: Cáritas Diocesana de Januária (2008).

Entre os 17 municípios, abrangidos pela Cáritas Arquidiocesana de Januária, foram escolhidos os municípios de Cônego Marinho, que abriga a nascente dos Rios dos Cochos, onde já existiam projetos bem sucedidos; o município de Januária, em razão da localização da sede da Cáritas; o município de São Francisco, que apresentava uma rede de articulação de conselhos Municipais e Associações já atendidas por outros projetos da Cáritas, além da presença da Congregação de Freiras da Divina Providência e de Padres da Sagrada Família, com sede no município há, pelo menos 40 anos; o município de Pintópolis, pela presença da Congregação de Irmãs Paroquiais de São Francisco – Franciscanas, com integrantes muito próximas à Cáritas; o município de Chapada Gaúcha, que já desenvolvia projetos sociais mediante o Sindicato dos Trabalhadores, além da Congregação das Irmãs da Providência, que desenvolviam atividades sociais na região.

Segundo Sales (2015), o contexto das ações dos diferentes agentes e das políticas públicas nos territórios do Gerais foram importantes para a delimitação - seja territorial, seja para a formatação do instrumento de investigação - do questionário, que orientaria os diagnósticos nas comunidades.

Primeiramente apresentava-se a Cáritas, e levantavam-se os principais desafios, problemas, pontos fracos. Identificou-se que, segundo Sales (2015), 90% dos problemas levantados, como eletrificação rural e transporte, eram relacionados a políticas públicas; outros 10% estavam relacionados à falta de mobilização das comunidades.

Entre os principais problemas, a educação aparecia em primeiro lugar, seguida de problemas relacionados à deficiência da assistência técnica por parte do Estado, depois, problemas relacionados ao crédito, potencializados pelas imposições dos agentes bancários.

Destacaram-se, também, problemas relacionados à formação política das comunidades, pois questões importantes para elas já vinham formatadas das municipalidades, sem a discussão das políticas com as comunidades envolvidas. Por último, a desvalorização do trabalho da mulher, e o machismo no campo.

A partir dos pontos apresentados, as comunidades foram provocadas a construir as propostas. Na linha de assistência técnica, as próprias comunidades pontuaram a existência de outras possibilidades que não as oficiais, entre elas, as prestadas pela própria Cáritas. Na linha do crédito, após a frustração da formação de Cooperativa de Crédito, a opção foi a criação de um Fundo Rotativo Solidário¹⁴, que,

até a realização da entrevista, apoiava projetos das famílias das comunidades envolvidas.

Na linha de formação política, como não havia um processo de formação na comunidade e as questões de interesse da comunidade eram resolvidas dentro dos gabinetes, o projeto era que se investisse na formação para a cidadania. Investiu-se recursos humanos na mobilização de entidades parceiras para formações em educação para a cidadania em diferentes frentes, formação das comunidades e associações e articulação das comunidades para a ocupação de espaços políticos antes não ocupados por agricultores e lideranças comunitárias.

Na linha de valorização da mulher, buscou-se a implantação de projetos de valorização do trabalho da mulher e visibilidade das ações da mulher do campo, alternativas de geração de renda para mulheres e a criação de grupos de mulheres nos municípios envolvidos.

Em relação à educação muitos pontos negativos foram apresentados, falta de transporte, professores sem vínculo com as comunidades, escolas em situação precária, inclusive em “pau a pique”, cobertas com palha de coco buriti, amianto, alunos que andavam quilômetros para ir à escola, além da questão da alimentação. Uma das sugestões foi dar maior atenção à educação do campo com sinalização para a possibilidade de uma Escola Família Agrícola.

A partir do diagnóstico que colocou a educação como principal ponto negativo, e a proposta da comunidade que sinalizou para a educação do campo através de uma EFA, a Cáritas entrou em contato com a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas - AMEFA, e foi apresentado o resultados dos diagnósticos que apontaram para possibilidade de uma EFA para atender à demanda das comunidades em relação à educação.

Segundo Sales (2015), “a própria comunidade que viu a necessidade de uma escola”. A AMEFA orientou a Cáritas e as famílias das comunidades no sentido de realizar uma visita a uma EFA, para observarem o funcionamento e a metodologia. Em 2002, formou-se uma equipe de 22 agricultores para visita à EFA Bom Tempo, em Itaobim/MG, à EFA Quixabeira e à EFA Pintadas, no estado da Bahia. Observadas as experiências das EFA’s da Bahia e do Vale do Jequitinhonha, os agricultores resolveram pela implantação da EFA, para o atendimento das necessidades das comunidades relacionadas à educação.

Segundo Jerri Ribeiro Sales (2015), por orientação do Disop/Brasil, buscou-se o apoio da AMEFA para a implantação da EFA, e, em abril de 2003, foi realizado o primeiro seminário regional para a referida criação.

Figura 3 – Registro do I Seminário Regional Escola Família Agrícola – Abril de 2003.



Fonte: Cáritas Januária (2008).

Participaram do I Seminário Regional Escola Família Agrícola representantes dos cinco municípios envolvidos na proposta do Projeto Seriema (Januária, Cônego Marinho, São Francisco, Pintópolis e Chapada Gaúcha), e representantes das 40 comunidades mais atuantes, além da participação do Presidente da AMEFA.

Nesse encontro regional,

[...] criou-se uma comissão regional pró-EFA, formada pelas lideranças e agricultores representantes dos cinco municípios, que se encarregaram de apresentar, divulgar a proposta da EFA, chamar os agricultores para as reuniões mobilizar as comunidades, a cavalo, de motocicleta, a pé, nas igrejas e nas escolas, se não fosse a mobilização dos 22, agricultores que voltaram com gás, a escola não sairia, eles saíram à procura de parceiros, sindicatos, prefeituras e câmaras municipais [...] (SALES,2015).

Inicialmente, a proposta das comunidades era pela criação de uma escola em cada município - 5 escolas. No entanto, depois da realização do I Seminário Regional, e da intervenção da AMEFA, as comunidades perceberam que era inviável a criação de 5 escolas; assim, optou-se por uma escola regional.

Quanto à escolha do município/comunidade para a implantação da EFA, em um primeiro momento seria Pintópolis, especificamente na comunidade Alvorada, tendo em vista a mobilização comunitária e o apoio tanto do poder executivo quanto do legislativo municipal. No entanto, em decorrência da diversidade de municípios e as

distâncias entre as comunidades, optou-se por uma comunidade que apresentasse uma localização estratégica em relação ao acesso, motivo que determinou o município de São Francisco/MG como o local ideal para sediar a EFA.

É importante observar que, apesar de não existir a figura de um pároco, ou um religioso que deflagrasse o processo de criação da EFA-Tabocal, sua trajetória esteve envolvida com a Cáritas/CNBB e com instituições ligadas principalmente à Igreja Católica, como a Congregação de Freiras da Divina Providência, Padres da Sagrada Família, e a Congregação de Irmãs Paroquiais de São Francisco.

As instituições religiosas, nesse caso específico, desempenharam um papel significativo, uma vez que representaram portas de acesso para a Cáritas em comunidades onde ela não atuava. Esse tipo de intermediação serve como um termômetro para a realização de programas, políticas e projetos em comunidades do campo.

O sucesso de propostas de instituições públicas ou privadas, e até mesmo de instituições de ensino para o campo, passa necessariamente pela aproximação com as comunidades a serem envolvidas nas propostas.

A Cáritas Diocesana de Januária apresenta características que facilitam o desenvolvimento de projetos nesse sentido. Além da articulação com instituições religiosas pulverizadas por municípios e comunidades rurais do Gerais, ela conta, em seu corpo técnico, não com indivíduos do município de Januária, mas com sujeitos das comunidades rurais abrangidas pela Arquidiocese de Januária, e onde os projetos da Cáritas já haviam sido experimentados com êxito pelas comunidades.

Essas características facilitaram a aproximação e possibilitaram a identificação das comunidades com o Projeto Desenvolvimento Regional Sustentável Januária/Minas Gerais, que os próprios membros das comunidades apelidaram de Projeto Seriema, também adotado pela Cáritas, para a apresentação do projeto, tanto junto às instituições de fomento, quanto junto às próprias comunidades.

Além disso, pela Cáritas ser da CNBB facilitou e muito porque a Cáritas também é igreja, quando chegava na comunidade e falava que era da Cáritas as comunidades se identificavam e as portas se abriam. (SALES, 2015)

Se, em 1935, na França, não se poderia mencionar, por questões de anacronismo, a Teologia da Libertação como propulsora da primeira experiência em Alternância, no caso da EFA-Tabocal, essa constatação é possível.

A presença da religiosidade é marcante na vida do sertanejo, do geraizeiro, do varzanteiro, do raizeiro e das comunidades camponesas em geral; e, apesar da mistura de crenças até mesmo dentro da escola, o catolicismo e suas figuras estão presentes na EFA - Tabocal, e com lugar de destaque para a devoção.

Figura 4 - Gruta construída no *hall* da EFA-Tabocal que guarda a imagem de Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

A EFA-Tabocal se descobriu em propostas que não apresentavam soluções, mas despertavam, nas comunidades e nas instituições envolvidas no Projeto Seriema, o espírito de transformação da realidade local, a teologia na prática social e política. (MENEZES NETO, 2012).

O processo de institucionalização da escola se finda em 20 de outubro de 2004, com a constituição da Associação Escola Família Agrícola da Região do Vale do São Francisco – AEFÁV, mantenedora da Escola Família Agrícola Tabocal, EFA-Tabocal. Mas a construção de uma escola para o Gerais ainda estava no começo.

Do Galpão à Escola

O início da escola foi de muita luta sofrimento, que foi gostoso (SALES, 2015).

Com a definição do município sede da EFA, atribuiu-se aos agricultores de São Francisco/MG a indicação da comunidade que receberia a escola, e eles indicaram a comunidade denominada Tabocal, que fica a 7 km do município de São Francisco; daí, o nome Escola Família Agrícola Tabocal.

Como estrutura inicial, a comunidade contava com uma sede da associação que funcionava em escola municipal desativada e que era pouco utilizada, uma fabriqueta de rapadura, poço tubular e um galpão que a comunidade utilizava para guardar ração e maquinários.

Figura 5 – Primeiras Instalações - EFA Tabocal - Comunidade Tabocal – 2005.



Fonte: Cáritas Januária (2008).

Definido o local de funcionamento da escola, buscou-se o apoio financeiro com os municípios parceiros. Os principais apoiadores, nesse momento inicial, foram as prefeituras de Chapada Gaúcha, de São Francisco, e os agricultores de Tabocal.

A prefeitura de Chapada gaúcha foi um dos principais financiadores da escola. No início do projeto Seriema, o presidente do sindicato dos trabalhadores ele era o prefeito de Chapada gaúcha, conhecia o projeto da EFA e durante 4 anos fez grandes esforços para a EFA tabocal (SALES, 2015).

A Comunidade Tabocal contava com a estrutura da associação e a escola rural do município. A EFA-Tabocal começa suas atividades com essas instalações, que demandavam ajustes para receber a escola.

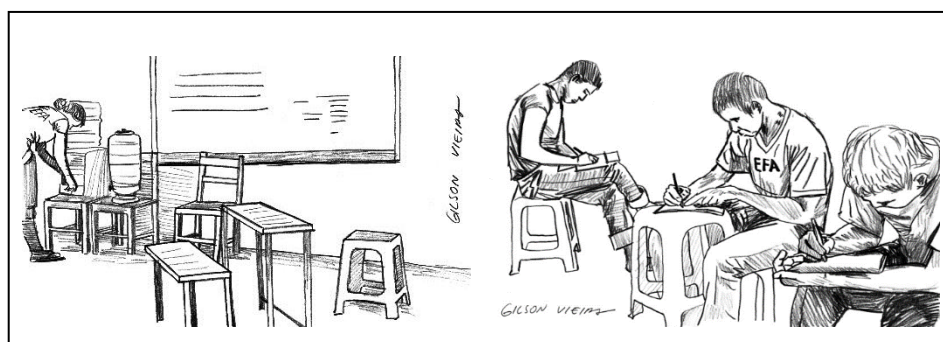
Além da prefeitura de São Francisco e da Associação de Tabocal, a prefeitura de Chapada Gaúcha e a Associação Mãe Ana, contribuíram porque eles compraram a ideia e foram atrás de outros parceiros como Fundação Banco do Brasil, a Contadoria Cidadã da Associação Banco do Brasil ajudou na reforma da escola que foi feita pelos próprios alunos, como ela estava

abandonada precisava de toda uma reforma, a contadoria cidadã entrou com os materiais e os alunos da turma pioneira que formou em 2008, fizeram a reforma da escola (SALES, 2015).

A EFA era mantida por doações das famílias. Além do apoio das prefeituras de Chapada Gaúcha e São Francisco, as famílias e as associações faziam promoções, rifas e doavam para a escola. Projetos como o Programa de Segurança Alimentar também foram importantes para a manutenção desse espaço, na medida em que configuravam como intermediadores, enviando parte da produção das comunidades para a escola.

Apesar de contar com um prédio da escola municipal rural desativada, a estrutura não era adequada para o desenvolvimento das atividades relacionadas à EFA; as condições de sala de aula, carteiras eram, na maioria das vezes, improvisados pelos alunos que compuseram a primeira turma da EFA - Tabocal.

Figura 6 - Estrutura da sala de aula da EFA: primeiras instalações na comunidade Tabocal.



Fonte: Cáritas Januária (2008).

Segundo Sales (2015), com o passar do tempo, o Conselho Administrativo da escola percebeu que era preciso avançar, porque a escola funcionava em terreno cedido, os espaços destinados ao armazenamento de ração e à fabriqueta de rapadura pertenciam à Associação Comunitária de Tabocal; não eram da escola.

Então, procuraram uma nova área, onde funciona a escola atualmente, Comunidade Granja Primavera; e, por meio de projeto de lei, o Estado cedeu para o município, que, por sua vez, cedeu à EFA-Tabocal.

Em 2015, completaram-se cinco anos que a área localizada na Comunidade Granja Primavera é da EFA; e, em 2009, a prefeitura comprou mais três hectares próximos à escola e que agora pertencem à EFA-Tabocal.

Diferente da antiga estrutura, Sales (2015) e Paz (2015), relataram que a EFA-Tabocal, apesar de ainda estar em construção, apresenta estrutura que atende aos alunos envolvidos no projeto de alternância da EFA.

Ainda ocupa um prédio de uma antiga escola rural, mas a estrutura ganhou características próprias de um Escola Família Agrícola.

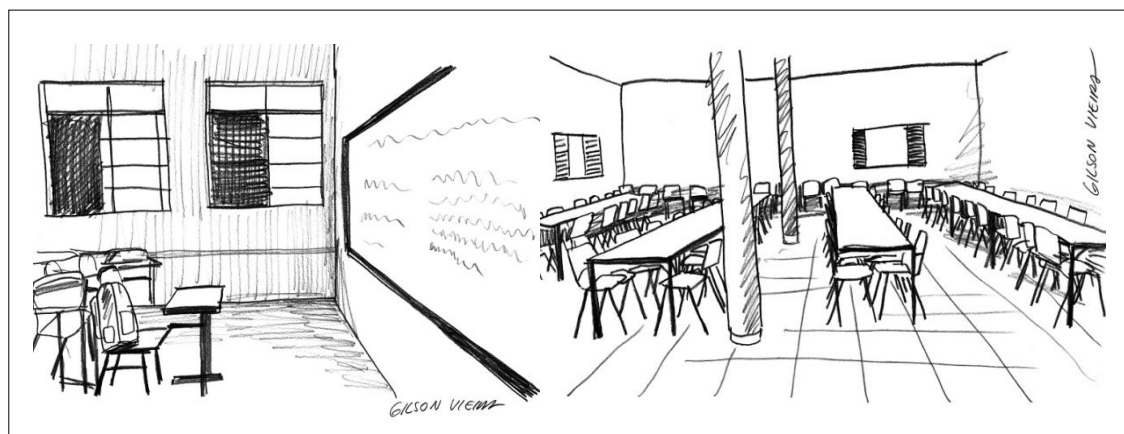
Figura 7 - Fachada da EFA-Tabocal – Comunidade Granja Primavera São Francisco/MG.



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

Além de salas de aulas equipadas com mesas, cadeiras e quadro-negro, a escola agora está estruturada com refeitório e cozinha, inaugurados em 2016.

Figura 8 - Sala de aula e novo refeitório da EFA-Tabocal – Comunidade Granja Primavera, São Francisco/MG.



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

A nova estrutura da EFA-Tabocal proporciona aos alunos um ambiente que vai além da sala de aula. Hoje [2017], conta com espaço para recreação e estrutura para desenvolvimento de atividades agrícolas integradas à escola.

Figura 9 – Espaço destinado a experimentos e atividades práticas, sede da EFA-Tabocal.



Fonte: Dados da pesquisa (2017).

É importante destacar que a EFA-Tabocal, como se apresenta hoje, é fruto de um projeto coletivo de escola, que tem suas estruturas estabelecidas sobre as bases da articulação comunitária.

Assim como destacado por Caliari (2013), ao analisar a presença da família camponesa na Escola Família Agrícola Olivânia –ES, o projeto da EFA-Tabocal só foi possível pela aproximação das comunidades diretamente interessadas [as famílias]. A compreensão por parte dos agricultores de que uma proposta de educação diferente da apresentada pelo estado era necessária possibilitou a construção da Escola Família Agrícola Tabocal.

Ocorre que, apesar do envolvimento das famílias e da articulação com os poderes públicos dos municípios envolvidos, a EFA-Tabocal precisava de algo mais do que sua estrutura física; precisava sair das margens do processo educativo oficial e a ele se integrar, para se afirmar como Escola.

É um movimento contraditório, porque a busca por um projeto contra-hegemônico só se concretiza com seu enquadramento nos padrões oficiais, com a submissão ao “[...] aparelho de coerção estatal que assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente [...]” (GRAMSCI, 1932, p. 21).

A afirmação da EFA-Tabocal passa, então, por sua incorporação aos padrões dispostos pelo Estado e por sua consolidação como uma proposta educativa capaz de responder às expectativas das famílias que investiram nesse projeto.

Afirmação da Escola Família Agrícola

A EFA-Tabocal é uma escola de ensino médio e profissional, com habilitação em agropecuária, que surgiu de um diagnóstico para um projeto da Cáritas, denominado Seriema. Durante a realização do diagnóstico desse projeto, identificou-se que, nos cinco municípios atendidos pela Cáritas - São Francisco, Januária, Chapada Gaúcha, Pintópolis, Cônego Marinho - havia muitos jovens em idade escolar, ensino fundamental e médio, que estavam fora da escola.

Com o desenvolvimento do projeto Seriema, e depois de todo um processo de estruturação da EFA, com a criação de uma comissão pró-EFA, e a instalação propriamente da EFA em Tabocal, começaram as aulas. Esse percurso se iniciou em 2002, sendo que as aulas começaram efetivamente em de outubro de 2005, mesmo sem a autorização do Conselho Estadual de Educação, ou seja, da idealização da escola até seu início, foram mais ou menos 3 anos.

A primeira turma contava com 28 alunos em sistema de Alternância, com 15 dias em atividades na sede da Escola, e outros 15 dias em suas respectivas comunidades.

Nas primeiras turmas as comunidades selecionavam e enviavam os alunos para se matricularem na escola, o que era diferencial, pois a comunidade escolhia e se responsabilizava pela indicação do aluno à escola. Atualmente [2015], os próprios alunos são agentes de captação de outros alunos. Levam as fichas de inscrição, fazem divulgação nas comunidades e nos respectivos municípios.

Em 2006, além da falta da institucionalização junto ao Conselho Estadual de Educação, faltaram recursos para a manutenção da escola, pois muitos dos municípios que se comprometeram em contribuir com a escola não cumpriram o acordado, e apenas os municípios de São Francisco e Chapada Gaúcha ajudaram. A escola foi obrigada a suspender suas atividades.

Em dezembro de 2006, os recursos para manutenção da EFA se esgotaram, houve problemas com a prestação de contas, e o dinheiro para manutenção da escola foi destinado ao pagamento dos professores, a escola fechou. Não

havia autorização, os alunos achando que iam perder o ano então ficou fechada [por 5 meses] até abril de 2007 (PAZ, 2015).

Assim, a primeira turma ainda não estava legitimada pelo Estado; a Superintendência não tinha experiência, foi um desafio muito grande, muita preocupação dos monitores, da associação e da própria Cáritas (PAZ, 2015).

Durante o tempo em que esteve fechada [5 meses], não houve ingresso de novos alunos, e a Associação buscou regularizar a situação junto ao Conselho Estadual de Educação, para que os alunos que já haviam cumprido parte do curso não ficassem prejudicados.

Quanto à legitimação junto ao Conselho Estadual de Educação, percebia-se muita resistência do Estado.

[...] vinham fazer uma visita *in loco*, com critérios sempre mais rígidos em relação às escolas do estado, se houvesse uma rachadura na parede, ou pequenos problemas dessa natureza, não aceitavam a escola (PAZ, 2015).

Além dos problemas estruturais, aos quais o Conselho Estadual de Educação atribuía maior destaque, a Alternância também foi um problema, tendo em vista que o Conselho resistia em não considerar o tempo comunidade como período letivo¹⁵. Neste aspecto, a AMEFA teve papel significativo, atuando junto à Secretaria de Estado de Educação e viabilizando o reconhecimento da Escola. (PAZ, 2015).

Então, em abril de 2007, as aulas se reiniciaram, e, em 2008, a EFA-Tabocal formou sua primeira turma de Técnicos em Agropecuária.

A partir do reconhecimento da Escola pelo Estado, surgiram muitos projetos, e a demanda aumentou. A autorização do Conselho viabilizou o acesso ao Bolsa-Aluno¹⁶, que facilita a questão administrativa e financeira da escola, qual ainda é mantida por doações, mas o Bolsa-Aluno supre 60% dos custos escolares.

Em 2015, data da realização da entrevista, a escola, que começou com 28 alunos, já atendia a um total de 196 alunos. Os alunos que, inicialmente, eram provenientes dos municípios que participaram da criação da EFA-Tabocal, hoje chegam de pelo menos 16 municípios do estado de Minas Gerias, e de municípios de outros estados, como do estado da Bahia e do estado de Goiás.

Quanto ao operacional, a Associação Escola Família Agrícola é dirigida por um Conselho Administrativo, Diretoria Executiva e Conselho Fiscal, composta por agricultores das comunidades envolvidas com a EFA-Tabocal, com reuniões mensais;

uma equipe executiva/pedagógica, a diretora da Escola, uma supervisora, uma secretária e um auxiliar de secretaria, um prestador de serviços gerais, 15 monitores/professores, 3 cozinheiras e um vigilante, perfazendo um total de 24 funcionários.

A execução pedagógica está a cargo de 11 monitores que ficam na EFA, e 4 professores externos, que ministram suas aulas e voltam para casa; todos são funcionários da Associação.

Além das atividades pedagógicas, programadas e executadas pelos próprios monitores da EFA-Tabocal, a escola tem parceria com outras instituições, como o Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, a Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, a Empresa Mineira de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG, Sindicatos, associações de feirantes, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (PAZ, 2015).

Observa-se que o envolvimento da EFA não pode restringir-se às famílias e comunidades que encaminham seus alunos para a escola, uma vez que busca as articulações necessárias à melhor formação do alternante, para suprir suas deficiências formativas mediante ações articuladas com outras instituições e, com isso, estabelecer parcerias (GIMONET 2007).

Nesse aspecto, em especial quanto à articulação com outras instituições, esta pesquisa possibilitou a aproximação da EFA-Tabocal com o Programa de Apoio a Agricultores Familiares do Norte de Minas Gerais em Atividades de Produção, Higiene e Saúde Pública – Programa de Extensão do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG – ICA/UFMG, em Montes Claros, MG.

A aproximação com o ICA/UFMG viabilizou a realização da Caravana da Qualidade do Leite - Promovendo Capacitação de Jovens Rurais no Norte de Minas, realizado na sede da EFA-Tabocal nos meses de setembro e outubro de 2015.

Durante a realização da Caravana, foi possível levar aos alternantes da EFA-Tabocal técnicas de manejo de gado de leite e de corte, produção de alimentos para bovinos e manejo de pastagens, técnicas relacionadas à criação de galinhas caipiras e ao aproveitamento integral de alimentos, elementos relacionados às construções rurais,

cultivo de plantas medicinais, cooperativismo, associativismo e noções de Direito Agrário.

As oficinas oferecidas durante a ação de extensão foram levantadas pelo pesquisador junto à diretora e aos monitores da EFA-Tabocal, o que potencializou a participação dos alunos.

Figura 10 – Da esquerda para direita: Oficina de plantas medicinais e oficina de produção de alimentos para bovinos e manejo de pastagens. Oferecidas no Dia de Campo realizado pelo Programa Extensão do ICA/UFMG, em 2015, na sede da EFA-TABOCAL.



Fonte: Dados da Pesquisa (2015).

As atividades foram realizadas na sede da EFA-Tabocal e em unidades produtivas próximas à escola.

Todas as atividades desenvolvidas ocorreram sem custo para a EFA e para os alternantes; tudo foi custeado pelo Programa de Apoio a Agricultores Familiares do Norte de Minas Gerais em Atividades de Produção, Higiene e Saúde Pública – Programa de Extensão do Instituto de Ciências Agrárias da UFMG – ICA/UFMG, desde o transporte dos alunos da EFA-Tabocal para as unidades onde seriam realizados os cursos práticos, a alimentação, o transporte da equipe do ICA/UFMG de Montes Claros para São Francisco, MG, até o material didático distribuído a todos os alunos da EFA tabocal.

As atividades relacionadas à Caravana da Qualidade do Leite - Promovendo Capacitação de Jovens Rurais no Norte de Minas ainda contou com atividade fora da Sede da EFA-Tabocal, no ano de 2016.

Na oportunidade, os alunos selecionados pela Direção da Escola participaram de um curso intensivo de inseminação artificial, oferecido na sede do ICA/UFMG em Montes Claros e um dia de Campo no Município de Juramento, MG.

Essas atividades também foram realizadas sem custo para a EFA-Tabocal e para seus alunos. O ICA/UFMG providenciou alojamento, alimentação e deslocamento dos alunos do município de São Francisco, município sede da EFA-Tabocal, ao município de Montes Claros, onde ocorreu o curso de inseminação artificial, e ao município de Juramento/MG, onde ocorreu o dia de Campo promovido pelo ICA/UFMG.

Com essas e outras ações, a EFA-Tabocal vai-se afirmando como uma proposta de Escola para o Gerais. Não foi um caminho fácil, como mencionaram Sales (2015), técnico da Cáritas Diocesana de Januária, e Paz (2015), Diretora da EFA-Tabocal, mas a capacidade de resiliência da escola vem possibilitando a perpetuação da proposta de educação para as comunidades do Gerais Mineiro.

Ainda segundo Paz (2015), a Pedagogia da Alternância foi um desafio para a região. Embora já existisse a experiência de escolas agrícolas, a Alternância não existia. Isso mudou a partir do momento em que a EFA começou a envolver as famílias na vida da escola, principalmente nas comunidades de onde vieram os primeiros alunos.

Considerações finais

Ao buscar evidenciar a trajetória da Escola Família Agrícola Tabocal, EFA – Tabocal, localizada no município de São Francisco, Minas Gerias, identificou-se que a trajetória da escola não está desvinculada da história de vida dos alternantes e de suas comunidades, pelo contrário as vidas e a EFA se misturam.

Como Tempo Escola e Tempo Comunidade na alternância, não podem ser compreendidos como tempos distintos no processo de ensino aprendizagem, a EFA Tabocal, não pode ser considerada em si, mas reconhecida na figura dos sujeitos e dos espaços até onde ela erradia.

O que individualiza a EFA-Tabocal, e que vai individualizar cada unidade de formação em alternância, é a resiliência, não só da escola, mas, de todos os envolvidos na formação em alternância.

O desafio de uma formação contextualizada em um ambiente como o Gerais, repleto de diversidades, de escassez de recursos hídricos e da atenção das instituições públicas e políticas, é superado a partir da vontade coletiva de transformação e formação para o jovem do campo, que vence as barreiras da falta de estrutura e vai do galpão à Escola que se estrutura com espaços de aprendizagem que reproduzem e se aproximam das unidades produtivas dos alternantes, diminuindo as distâncias entre escola e comunidade.

Atender aos padrões institucionais propostos pelo Estado impingiu à EFA-Tabocal a necessidade de se adequar àquilo que ela procurava negar. Esse movimento dialético, entre a Educação do Campo e o Estado, é indeclinável na perspectiva da certificação, porém, não maculou a proposta de uma educação contextualizada e de atendimento às comunidades diretamente relacionadas à EFA, pelo contrário fortaleceu os laços que unem os envolvidos com a Escola.

A Escola Família Agrícola Tabocal é envolvente, seja pelo reconhecimento da sua contribuição para a Educação do Campo no Gerais, seja pela sua hospitalidade e capacidade de articulação política e pedagógica, o que atrai para a EFA outros atores, instituições públicas e privadas que através de ações de ensino, pesquisa e de extensão, contribuem para a formação em alternância e para a qualidade do ensino em desenvolvimento na EFA-Tabocal.

A Pedagogia da Alternância ainda é um campo fértil para a pesquisa em educação, apesar de que, na perspectiva teórica, escreve-se muito sobre a alternância, suas bases ou pilares, suas origens e sua relação com a Educação do Campo, porém escrevemos e conhecemos muito pouco sobre as unidades escolares onde a Alternância está em desenvolvimento.

Conhecer a trajetória de uma Escola Família Agrícola, possibilita desocultar as relações de poder entre o Estado, a Escola e as Comunidades. Permite identificar as especificidades dos alternantes e de suas famílias. As exigências do *locus* onde está inserida a escola e até onde ela chega na proposta da educação contextualizada.

É bem verdade que este texto tratou da Escola Família Agrícola de Tabocal, localizada no município de São Francisco - Minas Gerais, mas é possível sugerir que a trajetória desta EFA, identifica-se, respeitadas as variações decorrentes da localização, com o percurso de outras EFA's presentes no Brasil.

Importante frisar que a Alternância é uma das formas de materialização da Educação do Campo, e apesar de não ser a única, ela tem em suas particularidades elementos que fazem desta uma forma de educação que dá significado ao Ser camponês.

Assim, a trajetória da Escola Família Agrícola de Tabocal foi forjada na superação das dificuldades impostas pelo Gerias, pelo Estado, pela escassez de recursos naturais e econômicos, e construída sobre os pilares da iniciativa e da organização popular, que percebeu na Pedagogia da Alternância a possibilidade de dias melhores para os jovens do campo e para as comunidades diretamente envolvidas com a EFA-Tabocal.

Notas

¹ O presente artigo tem suas origens na tese “Dois Tempos, Vários Lugares: Trabalho e Emancipação em Alternância” defendida no ano de 2017, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Sob o aspecto ético, os procedimentos realizados e os documentos que resultaram neste texto foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, sob o Parecer nº 1.096.710, de 3/6/2015 - CAAE 44834715.6.0000.5149.

³ A adaptação das ilustrações foi realizada pelo artista Gilson Vieira, que cedeu os direitos autorais.

⁴ Emprega-se o termo de imprecisão, considerando que, apesar dos esforços da pesquisa, não foi possível estabelecer com precisão qual seria o número real de EFA's em funcionamento no país. As investidas partiram das informações disponibilizadas na página oficial da UNEFEAB, o que possibilitou o contato direto com as Regionais e Escolas, por telefone e por *e-mail* durante os meses de julho e agosto de 2017.

⁵ Até o término da redação deste texto, apesar dos contatos diretos por telefone e *e-mails*, não foi possível encontrar informações precisas quanto ao número de instituições que empregam a Pedagogia da Alternância.

⁶ Tradução livre – Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo.

⁷ Escola Comunidade Rural de Brotas de Macaúbas em 1974; Escola Família Agrícola Rural de Sapeaçu, em 1977; Escola Comunidade Rural de Ibotirama, 1979; Escola Família Agrícola Rural de Maragogipe, 1979, e Escola Família Agrícola de Riacho de Santana, 1980. (PINTO 2014)

⁸ Tradução livre – de modo particular.

⁹ A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 164 organizações-membros da Rede Cáritas Internacional presentes no mundo. Nacionalmente, a Cáritas é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). (CÁRITAS BRASILEIRA, 2016)

¹⁰ O rio dos Cochos é afluente do rio Ipueiras, que, por sua vez, é afluente do rio São Francisco, o rio dos Cochos está localizado no Alto Médio São Francisco, distribuído entre os municípios de Januária (90%) e Cônego Marinho (10%); sua bacia ocupa uma área total de aproximadamente 159km², com extensão de 52km. (SILVA, 2010).

¹¹ Comunidade rural, localizada no distrito de Pandeiros, Município de Januária/MG.

¹² Organização não Governamental Belga, criada em 1968 e com escritórios regionais no Brasil, Guatemala, Moçambique e Camarões. No Brasil, é conhecida por Instituto de Cooperação Belgo – Brasileira para o Desenvolvimento Social, instalada em 2001, com sede em Feira de Santana na Bahia e que apoia projetos nas áreas de Desenvolvimento Social e Políticas Públicas. (@disopbrasil, 2016)

¹³ *La Metodología de Marco Lógico es una herramienta para facilitar el proceso de conceptualización, diseño, ejecución y evaluación de proyectos. Su énfasis está centrado en la orientación por objetivos, la orientación hacia grupos beneficiarios y el facilitar la participación y la comunicación entre las partes interesadas.* (ORTEGÓN; PACHECO; PRIETO, 2015, p.13)

¹⁴ São fundos destinados ao apoio a projetos associativos e comunitários de produção de bens e serviços e das necessidades básicas dos grupos envolvidos. Por meio dos Fundos Rotativos Solidários, investem---se recursos monetários ou não monetários na comunidade, mediante apoio a projetos, podendo ser

devolutivos ou não, e, quando exige a devolução, os prazos de reembolsos são mais flexíveis e mais adaptados às condições das famílias. O apoio pode ser em dinheiro, em produtos ou em serviços. O acesso é facilitado, o que democratiza o crédito, além de estimular o desenvolvimento local. (CÁRITAS, 2016)

¹⁵ Essa problemática só veio a ser resolvida em 15 de março de 2006, com a publicação do Parecer nº 1/2006, de relatoria do Conselheiro Murílio de Avellar Hingel, processo nº 23001.000187/2005-50, Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação.

16 O Bolsa-Aluno é um Programa de Apoio Financeiro às escolas Famílias Agrícolas do Estado de Minas Gerais criado pela Lei Estadual nº LEI 14614, de 31/03/2003. Tem como referência o número de alunos matriculados no ensino fundamental e médio. Para o exercício de 2016, o valor anual por aluno matriculado no ensino fundamental foi de R\$ 4.508,46 (quatro mil quinhentos e oito reais e quarenta e seis centavos) e, para o ensino médio e profissionalizante, R\$ 4.884,17 (quatro mil oitocentos e oitenta e quatro reais e dezessete centavos).

REFERÊNCIAS

- BEGNAMI, Marinalva Jardim Franca. **Inserção Socioprofissional de Jovens do Campo: desafios e possibilidades de Egressos da Escola Família Agrícola Bontempo**. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CALIARI, Rogério. **A Presença da Família Camponesa na Escola Família Agrícola: o caso de Olivânia**. 2013. 563f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- CARDOSO, Joel Henrique. **Uma experiência de Educação voltada ao Meio Ambiente Rural: a Escola Família Agrícola do Rio Coqueiro (EFARC) e sua realidade**. 1997. 52f. Relatório de Estágio (Graduação em Agronomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- CÁRITAS. Cáritas Brasileira Organismo da CNBB. **Fundos Rotativos Solidários**. Disponível em: <<http://caritas.org.br/fundos-solidarios>>. Acesso em. 15 mar. 2016.
- COSTA, Marcella Nunes Cordeiro. **Projetos de Vida e Campo de Possibilidades dos Jovens Estudantes da Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP)**. 2014. 159f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.
- DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. 1988. 182f. Dissertação (*Maestria em Agroecologia y Desarrollo Rural Sostenible*) – Universidade Internacional de Andalucía, Sede Ibero-Americana de La Rábida, Huelva, Espanha, 1998.
Disponível:<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2360/1908>>. Acesso em: 13 jan. 2017.
- GARCIA-MARIRRODRIGA, Roberto; PUIG-CALVÓ, Pedro. **Formação em Alternância e Desenvolvimento Local – o movimento educativo dos CEFFA no Mundo**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GHIARDELLI JR., Paulo. **História da Educação Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

GIMONET, Jean-Claude. Nascimento e Desenvolvimento de um Movimento Educativo: As casas familiares rurais de educação e de orientação. *In: Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 1999, p. 39-48.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. (Coleção AIDEFA).

GRAMSCI, Antônio. Os intelectuais. O princípio Educativo. Jornalismo. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. **Cadernos do Cárcere**. [1932]. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. 2.

MARTINS, José de Souza. [1978]. **O Cativo da Terra**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação do Campo e Práticas Educativas de Convivência com o Semiárido**: a Escola Família Agrícola Dom Fragoso. 2010. 246f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MENEZES NETO, Antônio Júlio. **A ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no mst**. (sic). Belo Horizonte: UFMG, 2012.

MUTA, Ana Pereira Negry. **Agricultor Técnico x Técnico Agrícola**: os desafios da educação rural na Escola Família Agrícola de Porto Nacional. 2002. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Fundação Universidade de Tocantins, Universidade de Goiás, Goiânia, 2002.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. **A Educação Camponesa como Espaço de Resistência e Recriação da Cultura**: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO. 2005. 321f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. 2009. 233f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2009.

NOSELLA, Paolo. **Educação do Campo**: Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil. Prefácio de Dermeval Saviani. Posfácio de João Batista Begnami e Thierry de Burghgrave. Vitória: EDUFES, 2012.

ORTEGÓN, Edgar; PACHECO, Juan Francisco; PRIETO, Adriana. **Metodología del marco lógico para la planificación, el seguimiento y la evaluación de proyectos y**

programas. CEPAL. Naciones Unidas, Santiago de Chile. 2015. (*Serie Manuales*, n. 42).

PAZ, Nilva Vieira. São Francisco, Minas Gerais, 6 de jul. de 2015. Mp3 (53 min). Entrevista concedida a Leandro Luciano da Silva.

PINTO, Manuela Pereira de Almeida. **A Questão Agrária e a Escola Família Agrícola de Riacho de Santana – Ba.** 2014. 254f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

QUEIROZ, João Batista Pereira. **O processo de implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás.** 1997. 279f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

SALES, Jerri Ribeiro. Januária, Minas Gerais, 18 jun. de 2015. Mp3 (1.04 min.) Entrevista concedida a Leandro Luciano da Silva.

SCHNEIDER, Selma. **Educação do campo e sustentabilidade: o caso da Escola Família Agrícola em Santa Cruz do Sul – RS.** 2012. 105f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

SILVA, Uédio Robds Leite; NERY, Vitor Sousa Cunha. Pedagogia da alternância no Amapá: um estudo na Escola Família Agrícola do Pacuí. *Eventos Pedagógicos - Experiências em Educação do Campo: perspectivas e práticas pedagógicas. Sinop*, v. 7, n. 3, p. 1604-1629, ago./dez. 2016.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M.L.; TRINDADE, G. A. Estudo sobre a pedagogia da alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, SP, v.34, n.2, p. 227-242, 2008.

UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO BRASIL (UNEFAB). **Boletim**, ano 1, n. 1, dez. 1982. Disponível em:<<http://www.unefab.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Recebido em 13/11/2019. Aceito para publicação em 23/05/2020.
--